

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
21 DE MAIO DE 2022
DOUBLE BILL

LIQUID SKY /1982

Um filme de Slava Tsukerman

Realização: Slava Tsukerman / Argumento: Slava Tsukerman, Anne Carlisle, Nina V. Kerova / Direcção de Fotografia: Yuri Neyman / Montagem: Sharyn L. Ross, Slava Tsukerman / Guarda-Roupa e Cenografia: Marina Levikova / Casting: Bob Brady / Som: John Auerbach, Frank Kern / Música: Brenda I. Hutchinson, Clive Sminth, Slava Tsukerman / Interpretação: Anne Carlisle (Margaret, Jimmy), Paila E. Sheppard (Adrian), Susan Doukas (Sylvia), Bob Brady (Owen), Elain C. Grove (Katherine) etc.

Produção: Cinetron Productions, Z Films Inc. / Produtores: Slava Tsukerman, Nina V. Kerova, Robert Field / Cópia: da Cinemateca Portuguesa, 35 mm, cores, versão original com legendas electrónicas em português, 113 minutos / Estreia Mundial: Canadá, 24 de Agosto de 1982 (Montréal World Film Festival) / Primeira Exibição na Cinemateca

LIQUID SKY, é apresentado em "double bill" com **LE TRÉSOR DES ÎLES CHIENNES**, de F.J. Ossang ("folha" distribuída em separado).

Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

LIQUID SKY é um filme de características insólitas. Tornou-se um objecto de culto pela sua celebração da relação entre o cinema e o estilo contido na expressão do universo artístico e musical contido na geração *New Wave* que preenchia Nova Iorque entre os anos 70 e 80, esboçando ao mesmo tempo um pensamento social crítico e feminista sobre a relação das drogas e do sexo enquanto violentos "lubrificantes" de dinâmicas sociais baseadas na alienação e na confusão entre as experiências artificiais da heroína e as formas de transcendência espiritual. É o primeiro filme de Slava Tsukerman nos estados unidos, após ter emigrado da União Soviética com Nina Kerova, e de se ter integrado na vida artística de Nova Iorque. Tsukerman afirma que queria fazer um filme que englobasse os principais "mitos" do mundo do *Pop*, desde logo o sexo, a droga e a música, mas o filme acaba por formar um complexo conceptual à volta de uma sensação principalmente social, no qual o estilo e o género são uma espécie de máscara (e é uma máscara que vemos, desde logo, no primeiro plano do filme) para um outro jogo, em que a ficção científica, e a figura de um *alien* que elimina seres-humanos ao alimentar-se das hormonas libertadas pelo cérebro aquando do consumo de heroína ou do orgasmo, são simbolicamente, e com um consciente e sombrio ambiente cómico, direccionados para a fronteira entre a identidade e as dinâmicas sociais da *club life* enquanto meio *alienado* pelo culto da imagem, da moda e do vício.

O filme centra-se no duplo papel de Anne Carlisle, que colaborou no argumento com Tsukerman e Nina Kerova, depositando na história uma visão singular de feminismo a partir da sexualidade e da fluidez do género, fundada numa análise sensível sua vida e das suas experiências mais pessoais. Carlisle interpreta-se a si própria, e apresenta, através da sua androginia dividida em duas personagens de sexos diferentes (a protagonista Margaret e o seu antagonista Jimmy), a

transformação de uma identidade expropriada, ao longo de uma sucessão de abusos sexuais e verbais por parte de praticamente todas as personagens com quem contacta. O pequeno disco voador que aterra no telhado do quarto de Margaret traduz-se, neste contexto, num objeto de simbólico e significativo, que se traduz num Exterior correspondente, mais do que à sua origem extraterrestre, à exterioridade para a qual a identidade de Margaret se movimenta, e que resulta na exteriorização - eliminação dos seus abusadores e, no extático momento final em que se funde com a nave, à exteriorização de si própria em relação à realidade no qual está integrada e que a persegue. Uma ideia de exterior significativa, que se espelha nihilisticamente numa liminaridade entre uma realidade abusiva e uma exterioridade absoluta como única e grande via.

Podemos também encontrar esta ideia de fronteira nos aspetos formais e visuais de LIQUID SKY. Para além de Tsukerman e Nina Kerova, a equipa foi composta por outros emigrantes russos, como o director de fotografia Yuri Neyman e a cenografista e a figurinista Marina Levikova, sendo que Tsukerman e Neyman reiteraram múltiplas vezes a influência do ensino que tiveram na VGIK (Escola de cinematografia Russa), onde tiveram algumas das maiores figuras da vanguarda russa dos anos 20 como professores, entre os quais Lev Kuleshov. E apesar da sua estreita ligação ao *Pop*, LIQUID SKY traz consigo um espírito plenamente russo, espírito que implica neste retrato de Nova Iorque não só uma estranheza na imanência dos elementos formais com a história, mas também uma visão e temporalidade como que exteriorizada da realidade americana, deixando evidente a diversidade de influências de que compôs o universo artístico de Nova Iorque na segunda metade do século XX, e que se pode ver em diversos aspetos do filme. O primeiro e mais impactante está presente na montagem paralela entre as três perspetivas exploradas no filme, unindo Carlisle, o *alien*, e a estranha e cómica linha *voyeur* do cientista, através de cortes abruptos na imagem e no som de acordo com uma simultaneidade quase inadvertida, que inspira uma liberdade quase ingénuo e amadora, enquanto que salienta, ao mesmo tempo, a artificialidade da alienação retratada. Mas esta influência está também patente nas danças das sequências das discotecas, assim como na cenografia, nos figurinos de Marina Levikova e na maquilhagem, que adicionam, à decoração baseada em *neons* e ao retrato de uma sociedade completamente americana, uma estrutura formal e visual evidentemente relacionada com a arte moderna e, sobretudo, com o construtivismo russo dos anos 20, conjugando o excesso e o arrojo da moda e das posturas sociais com as combinações de formas simples, dos traços e das cores de acordo com direções e movimentos quase vectoriais.

A banda-sonora, caracterizada por uma sonoridade áspera, ritmos eletrónicos minimalistas e melodias circenses, amplifica o carácter absurdo e bizarro e, simultaneamente, os seus elementos mais cómicos. Foi composta por Tsukerman, juntamente com Brenda L. Hutchinson e Clive Smith, a partir da sintetização e manipulação analógica de gravações da realidade e do filme e de melodias improvisadas em torno de ideias. Embora a maior parte das músicas sejam originais, Tsukerman incluiu também interpretações eletrónicas de músicas do compositor barroco Marin Marais e de Anthony Philips, fazendo em muitos momentos lembrar o trabalho de Wendy Carlos para a Laranja Mecânica. Mas vale também a pena lembrar que esta experimentação foi também alvo de interesse na Rússia, e mesmo nos anos 80 compositores como Eduard Artemyev (compositor da banda sonora de alguns dos filmes de Tarkovsky), Vladimir Marynov e Yuri Bogdanov fizeram curiosas interpretações eletrónicas de obras de compositores de música clássica e moderna como Bach, Debussy e Prokofiev.

Manuel João Montenegro